

Seção n.º 8

Entre o manuscrito e o impresso: a *Vita Christi* como testemunho de mudança linguística.

Esperança Cardeira (Universidade de Lisboa - Portugal)

Sílvio de Almeida Toledo Neto (Universidade de São Paulo - Brasil)

O livro *Vita Domini nostri Jesu Christi ex quatuor evangeliiis*, escrito por Ludolfo de Saxónia na segunda metade do século XIV, teve uma enorme difusão; nos finais desse século e no começo do século seguinte circulavam por toda a Europa inúmeros manuscritos dos quais se conservam cerca de centena e meia. Nos finais do século XV multiplicaram-se as impressões em cidades europeias.

O sucesso do tratado pode explicar-se pelos seus objetivos de edificação da vida espiritual e pela sua inspiração em obras clássicas como *De Contemplatione* de Guido de Ponte, a *Legenda Aurea* de Voragine ou as *Meditationes* do pseudo-Boaventura. No século XV e nos seguintes tornou-se leitura obrigatória, influenciou profundamente figuras como Inácio de Loyola e Teresa de Ávila e viajou, pelas mãos dos navegantes portugueses, para a Índia e Brasil.

Em Portugal, o texto latino foi traduzido no reinado de D. Duarte: a tradução, pelo menos dos cadernos iniciais, é anterior a 1438 já que o *Leal Conselheiro* reproduz no cap. 87 uma parte da *Vita Christi* (Lorenzo 1993). Levada para o mosteiro de Alcobaça (Nascimento 2001), provavelmente por Fr. Estêvão de Aguiar, que foi abade de Alcobaça entre 1431 e 1446, a tradução foi aí copiada pelos monges cistercienses (por Fr. Bernardo de Alcobaça em 1445-6, segundo Cepeda 1982; em 1442-3 segundo Castro 2006). Conservam-se também da primeira parte fragmentos do séc. XV e da quarta parte uma cópia alcobacense de fins do séc. XV (Philobiblon).

A mandado da rainha D. Leonor, Valentim de Morávia, de parceria com Nicolau da Saxónia, encarrega-se da impressão do tratado. A cronologia da impressão é bizarra: começa pela IV parte, a que se seguem os Livros I e II e, finalmente, o Livro III. Em 20 de novembro de 1495 estão prontos os quatro volumes.

Entre o manuscrito alcobacense (BNP, Alc. 451-453) e o impresso (BNP, Inc. 566 [1], [2], Inc. 567 [1], [2]) medeiam, portanto, cerca de 50 anos. São 50 anos que correspondem à fase final do período médio do português e à transição entre português médio e clássico. O português médio tem sido caracterizado como um curto período em

que se produzem transformações profundas e em que se inicia a elaboração da língua (Cardeira 2005). Grande parte destas mudanças linguísticas concretiza-se na primeira metade do século XV, mas algumas já se esboçavam desde finais do XIV e outras prolongam-se até meados do XVI. A fase crítica de mudança é, portanto, enquadrada por dois períodos de transição: o primeiro separa o português antigo do médio e caracteriza-se por grande instabilidade, resultante do confronto entre variantes; o segundo representa a estabilização das variantes selecionadas e anuncia já o português clássico. Estas fases de transição serão, na verdade, momentos essenciais na evolução da língua e merecem, por isso, estudo mais aprofundado.

Trabalhos recentes têm fornecido elementos para o conhecimento da variação e mudanças em curso na faixa final que separa o português médio do clássico (Neto 2010). É nesta linha que se insere o presente trabalho, recorrendo ao confronto entre o manuscrito e o impresso da *Vita Christi*.

A colação entre os três primeiros fólios de Alc. 451 e o correspondente texto no impresso, Inc. 566 [1], apresenta, entre outras, as seguintes variantes: (1) *Retribuiçom / retribuiçã*; (2) *adotou / adoptou*; (3) *beuer / beber*; (4) *auudo / auido*; (5) *el / ele*. Em (1) vê-se a convergência das terminações nasais; (2) ilustra a introdução de grafias latinizantes; (3) mostra a tendência para a estabilização da oposição *b/v*; (4) indica a substituição de participios passados em *-udo* por *-ido*; e (5) mostra variação entre forma apocopada e plena do pronome pessoal.

Referências bibliográficas

- Cardeira, Esperança. (2005). *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Castro, Ivo. 2006. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri.
- Cepeda, Isabel (1982). *Vidas e Paixões dos Apóstolos*. Lisboa: INIC.
- Lorenzo, Ramon (1993). *Vita Christi*. In Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani (org.). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Nascimento, Aires A. (2001). A *Vita Christi* de Ludolfo da Saxónia, em português: percursos da tradução e seu presumível responsável. *Euphrosyne*, 29, 125-142.
- Philobiblon. Disponível em: <http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon>.
- Toledo Neto, Sílvio de Almeida (2011). Índicios de parentesco entre dois testemunhos da Regra de São Bento. *Caligrama* (UFMG), v. 15, p. 67-88.